

ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GESTÃO FRENTE À PANDEMIA: DESAFIOS E SOLUÇÕES

MARIA ROSA MACIEL SILVA

DJHONE DE BARROS CHAVES SOUZA

MARIA DO CARMO GONÇALO SANTOS

RESUMO

O presente artigo abordará as vivências do estágio em gestão em um contexto de distanciamento social. Apresentando as estratégias utilizadas pela UFPE no Centro Acadêmico do Agreste para viabilizar aos graduandos em Pedagogia a continuidade das atividades acadêmicas, incluindo os estágios, interrompidas por causa da pandemia. Para tessitura desse diálogo, objetivamos ressignificar as experiências do estágio em gestão em um contexto de afastamento social e aulas remotas, para alcançar esse fim, buscamos discutir as vivências do estágio em tempos de pandemia, e identificar as atribuições da gestão escolar em um contexto de afastamento social e aulas remotas. O percurso metodológico utilizado foi à observação dos Diálogos Remotos e a construção de diários de campo que nos possibilitou a análise reflexiva das falas dos sujeitos. Consideramos como positiva a experiência do estágio, salientando não ser a ideal, mas a possível para o momento, considerando as particularidades do estágio como um espaço-tempo formativo relevante no processo de formação.

Palavras-chave: Estágio; Gestão; Aulas Remotas.

INTRODUÇÃO

Todos seguiam normalmente suas vidas e afazeres, até a descoberta de um novo vírus: o COVID-19. De início, o mundo só observava, afinal, era só mais uma doença em uma pequena cidade chinesa, porém em poucos meses o vírus mostrou que não se limitava a fronteiras, e começa a atingir vários países, que embora sendo de “primeiro mundo”, viram parte de sua população se infectar e morrer rapidamente. O Brasil encontrava-se como muitas outras nações, em um misto de medos e incertezas, até que em março de 2020 fomos obrigados a encarar essa nova realidade, que mudaria abruptamente a vida da população, parando com os mais diversos serviços, dentre eles: a Educação.

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para garantir a segurança e saúde da comunidade acadêmica e ajudar no controle da propagação do vírus, paralisava em 15 de março de 2020 as atividades em todos os Campus, incluindo o Centro Acadêmico do Agreste (CAA) lócus das vivências aqui descritas. Não sabíamos como se desenrolariam os acontecimentos, quando voltaria tudo ao normal, quando as aulas seriam retomadas, ou seja, incertezas era a única certeza que naquele momento se apresentava.

Em um período atípico da história nos deparamos com novos desafios, e um novo normal precisava ser solidificado. As atividades precisavam ser retomadas, mas com segurança, sem riscos a saúde. Para isso, no final de agosto de 2020 fora ofertado pela UFPE um semestre com aulas remotas, contendo em sua maioria disciplinas eletivas, permitindo a realização das aulas de forma segura, com afastamento social, mas com uma proposta metodológica diferente das habitualmente utilizadas em um curso de aulas presenciais. Esse semestre serviria como teste para uma retomada das atividades acadêmicas de onde fora interrompida.

Assim, em janeiro de 2021 retomamos as atividades do semestre 2020.1 da UFPE/CAA com aulas remotas, dessa vez com todas as disciplinas obrigatórias ofertadas, surgindo mais desafios: como realizar as disciplinas práticas? O que fazer com o Estágio Supervisionado em Gestão?¹ Essas disciplinas pressupunham presença física nas escolas e

1 Abordamos aqui o Estágio Supervisionado em Gestão (Estágio 3), pois esse será o foco do presente artigo, porém as medidas adotadas pela UFPE/CAA contemplaram todas as disciplinas que exigem prática: os demais estágios supervisionados (1, 2 e 4), e as disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica (1, 2 e 3).

demais espaços de vivências educativas, e as metodologias utilizadas nesses momentos eram observações, intervenção, participação, coleta, registros e análise de dados.

Surge dessas inquietações a questão: Como vivenciar a experiência do estágio em gestão, em um contexto de afastamento social e aulas remotas? De tal problema, inicia a busca de soluções que viabilizem o melhor aproveitamento formativo, amenizando os prejuízos causados pela pandemia na aprendizagem do professor em formação. Agora, todas essas atividades de estágio são realizadas remotamente, com isso os discentes puderam, de forma segura, contar com as orientações da docente que leciona a disciplina, com apresentação de textos/referencial teórico que embasaram o contexto de gestão, discussões com a turma junto a professora para esclarecer esse referencial, palestras com gestores de redes de ensino, movimentos sociais e pesquisadores do campo da gestão e suas ramificações.

Diante do exposto, objetivamos ressignificar as experiências do estágio em gestão em um contexto de afastamento social e aulas remotas. Para tanto, buscamos discutir as vivências do estágio em tempos de pandemia, e identificar as atribuições da gestão escolar em um contexto de afastamento social e aulas remotas. Assim, direcionamos o olhar no momento do estágio às práticas de gestão, partindo da hipótese que surge no contexto de uma pandemia duas novas categorias no trabalho do gestor e no processo do estágio: as aulas remotas e o distanciamento social. Esses dois elementos serão fundantes ao pensar metodologias de observação, registro e coleta de dados na busca de compreender o trabalho da gestão na formação do pedagogo ao vivenciar o estágio fora do chão da escola.

O ESTÁGIO E A GESTÃO

O estágio compreende o espaço-tempo na formação do pedagogo, onde o diálogo entre as teorias e a prática acontece. Nesse momento formativo, o estudante é levado a vivenciar no chão da escola a experiência de observar as práticas e o cotidiano dos profissionais que já atuam no campo pedagógico, com um olhar direcionado para estabelecer os conceitos que irão conduzir sua prática como futuro educador.

A prática de ensino se configura como momento privilegiado da vivência entre teoria e prática, desse modo, busca-se, no estágio supervisionado superar a sequência

observação, participação e regência, passando este a ser visto como um tempo de aprendizagem que existe relação entre a instituição formadora e a escola campo (MELO; ALMEIDA; LEITE, 2015).

No componente curricular Estágio Supervisionado 3, o foco de observação e atuação do estudante de pedagogia sobrepuja a sala de aula, passa a ser a gestão escolar. É digno de nota, a relevância desse estágio, pois a gestão está inclusa dentre as atribuições que o pedagogo pode desempenhar no ambiente escolar (Brasil, 2006). Assim, ele deverá conhecer as concepções e teorias de gestão para embasar sua futura prática. Por isso, o estágio deve mostrar-se como esse espaço-tempo que não distingue teoria da prática, mas que os reconhecem de maneira imbricada, tecendo uma conversa constante entre as duas dimensões.

É no estágio que o perfil profissional começa a ser construído, o estudante por meio desse diálogo teórico-prática baseará sua futura atuação. Assim como as demais demandas que um pedagogo realiza, a gestão precisa ser pautada em conceitos para direcionar e estribar as ações e decisões do gestor. Lembrando que tais decisões poderão ter impacto de maneira positiva ou negativa para comunidade escolar, a depender da concepção de gestão que é empregada na instituição.

Uma gestão baseada na concepção administrativa traz entraves ao fluxo e a dinâmica da escola, pois as decisões e “poder” são centrados em um único personagem: o diretor. A percepção de liderança aqui é supervalorizada, o processo administrativo da escola é encarado como sendo um ato de controle e poder sobre os demais personagens.

[...] A administração é vista como um processo racional, linear e fragmentado de organização e de influência estabelecida de cima para baixo e de fora para dentro das unidades de ação, bem como do emprego de pessoas e de recursos, de forma mecanicista e utilitarista, para que os objetivos institucionais sejam realizados. O ato de administrar corresponderia a comandar e controlar, mediante uma visão objetiva de quem atua sobre a realidade, de maneira distanciada e objetiva (LÜCK, 2006, p. 57).

Foi com esse modelo de gestão que muitos estudantes tiveram contato no seu convívio escolar, por isso a necessidade da expansão do conhecimento de novas concepções e modelos de gestão, como por exemplo, a gestão educacional. O estagiário precisa ver na prática a mudança de concepção na gestão, não somente na terminologia, mas

como pontua Lück (2006) que as mudanças sejam observadas na realidade e ações no chão da escola.

Essa consciência da gestão, superadora da de administração – resultado do movimento social, associado à democratização das organizações –, demanda a participação ativa de todos os envolvidos de uma unidade social, para a tomada de decisão conjunta, mediante processo de planejamento participativo, pelo qual a realidade é analisada pela incorporação de diferentes olhares que, ao serem levados em consideração, permitem que as decisões tomadas o sejam a partir de uma visão abrangente das perspectivas de intervenção, além de garantirem o comprometimento coletivo com a implementação do planejado (Ibidem, p. 56).

Partimos aqui, de uma perspectiva de gestão democrática, que pressupõe a presença e atuação nas decisões sobre a escola junto aos diversos sujeitos que dela faz parte, a saber: professores, gestores, coordenadores, alunos, pais de alunos e demais funcionários que a compõe como merendeira, zelador, monitores e secretários dentre outros. Dentro desta micro comunidade escolar, podemos inserir também a participação na gestão democrática da comunidade macro, como bairro que a circunda, o comércio, igrejas e associações de moradores. Portanto, compreender uma gestão democrática é situá-la em um contexto múltiplo de participantes, onde não há centralidade de poder e decisões.

O poder em questão que torna a gestão um processo político, para essa perspectiva da gestão democrática não é a capacidade da parte de quem a controla em levar os outros sujeitos não-controladores desse poder a fazer o que eles desejam, e ainda legitimamente reconhecendo a relação de dominação (WEBER, 2004, P.43).

O que caracteriza uma gestão democrática é a capacidade política do gestor de agir em conjunto com outros sujeitos, construindo uma vontade comum/coletiva, que mesmo em meio a contradições e debates conseguem chegar a um denominador comum, construído pela maioria. Desse modo, percebe-se a gestão democrática como um modelo gestor coletivo, que possui na figura do gestor o sujeito habilitado/competente a atender as necessidades da comunidade escolar, que conhece as diretrizes da secretaria de educação, porém, adequa a escola as necessidades

da comunidade, respeitando o contexto cultural, social, econômico dos sujeitos diversos que a compõe, convidando-os a participar das decisões e escolhas educacionais, trazendo questões que emergem do contexto diverso da vivência de um coletivo.

Enfatizamos, portanto, a necessidade de se compreender a gestão democrática da escola como uma possibilidade de envolver a comunidade no processo de reflexão, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas no interior da escola, não enquanto apropriação privada do espaço público, mas como acompanhamento e controle do serviço pela comunidade (SANTOS; SALES, p.172, 2012).

A perspectiva de gestão escolar democrática rompe com barreiras erguidas pela gestão empresarial, mesmo trazendo dessa muitos conceitos que a norteiam no planejamento e execução de atribuições. O gestor não mais pode ser encarado como um capitão solitário e responsável por todas as atribuições na direção escolar. A escola é múltipla, composta por indivíduos plurais que devem ser considerados nas decisões e estratégias educacionais, pois eles sentirão os impactos causados do modelo de gestão aplicado à instituição, onde a centralidade de poder e decisões não os representam.

Por isso, o estágio é um campo fértil para o pedagogo/gestor em formação começar tecer suas diretrizes e concepções de gestão. Sabendo que essas, terão consequência no seu modo de trabalho e principalmente na comunidade escolar que será por ele representada. Assim, as concepções que lhe dará norte para o exercício de gestão democrática, deverão ser pautadas em uma educação libertadora, que encare o outro como sujeito protagonista do ato de educar e educar-se, e não como mero depósito de conhecimentos e obediência cega.

Deste modo, a educação ou a ação cultural para a libertação, em lugar de ser aquela alienante transferência de conhecimento, é o autêntico ato de conhecer, em que os educandos – também educadores – como consciências “intencionadas” ao mundo ou como corpos conscientes, se inserem com os educadores – educandos também – na busca de novos conhecimentos, como consequência do ato de reconhecer o conhecimento existente. Mas – não será demasiado reenfatar – para que a educação, como prática da libertação, possa tentar a realização de um tal reconhecimento do conhecimento existente, de que decorre a procura de novos conhecimentos, jamais

pode fazer coincidir sua forma de “tratar” a consciência do homem com o modo pelo qual a “trata” a educação dominadora (FREIRE, 2007, p.117).

Refletir sobre esse conceito de educação para libertação, dará ao pedagogo/gestor em formação sólidas bases para aboar suas futuras decisões e a forma que conduzirá a instituição escolar. Assim, reiteramos a relevância do estágio, pois para que essas bases comecem a ser solidificadas, o graduando deve encarar o ato de educar como uma via dupla, entre educandos, educadores, gestores e os demais sujeitos que compõem a escola, visto que o conhecimento não é adquirido somente na sala de aula, mas em todos os espaços escolares e não escolares.

DISTANCIAMENTO SOCIAL/AULAS REMOTAS

Com a pandemia em crescimento assolando o mundo, as práticas comportamentais das pessoas, tão comuns no cotidiano precisaram ser bruscamente interrompidas. Gestos simples e corriqueiros como aperto de mãos, abraços, cumprimentos com beijos no rosto, conversas com proximidade, compartilhamento de copos ou outros objetos que levamos a boca, tornaram-se impraticáveis. O covid-19 é um vírus transmitido por gotículas de saliva que circulam pelo ar quando falamos, espirramos ou tossimos, podendo também contaminar roupas e/ou objetos que carregamos conosco.

Por causa da propagação do vírus em escala global e a contaminação de pessoas em níveis crescentes, a Organização Mundial da Saúde (OMS) divulgou diversas recomendações e protocolos como medidas preventivas e de contenção do covid-19. Dentre essas recomendações, práticas simples de higiene pessoal como lavar as mãos com água e sabão, o uso de álcool em gel 70% para desinfetar-se quando não for possível a lavagem das mãos, uso de máscara para evitar que as gotículas de saliva se espalhem, e principalmente, o distanciamento social. Esse último tem um impacto mais efetivo segundo a OMS, pois evita que pessoas contaminadas tenham aproximação com outras, espalhando o vírus por meio do contato.

Tais recomendações tão importantes e necessárias impactaram diretamente os espaços educativos, espaços esses de convívio coletivo tão intenso. Com o isolamento social, ficar em ambientes fechados com número elevado de pessoas se tornou inconcebível, o que resultou no cancelamento de aulas presenciais em todos os níveis de ensino. Para

amenizar os prejuízos no processo de aprendizagem dos estudantes por causa dessa longa pausa das atividades escolares, lançou-se mão de uma modalidade de ensino que já existia, mas que não havia se propagado com tanto sucesso quanto agora na pandemia: as aulas remotas.

Tanto as redes sociais quanto a internet já vinham provocando mudanças profundas na educação presencial e a distância. Freire (2002, p. 25) escreveu em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção.” (FRANÇA, 2020).

Essa modalidade permitiu que o ensino continuasse, possibilitando a construção e produção de conhecimentos. Plataformas digitais de salas de aula invadiram o cotidiano das escolas, faculdades e universidades. Professores, de seus espaços domésticos, ministram suas aulas para os alunos por meio da tela do computador permitindo assim, que o trabalho docente não pare e, portanto, que a construção do conhecimento continue como possibilidade.

Na Universidade Federal de Pernambuco, no Centro Acadêmico do Agreste essa possibilidade de construção e produção de conhecimentos não se limitou as disciplinas ditas teóricas no curso de pedagogia. Foram pensadas estratégias para possibilitar a retomada das disciplinas de Estágio e de Pesquisa e Prática Pedagógica, que necessitam das observações e vivências no convívio escolar, porém no contexto atual, não seria lógico ou responsável, expor os discentes e a comunidade escolar a riscos de contaminação. Assim, esse convívio foi possibilitado por meio virtual. A tecnologia foi usada a favor, para trazer o objeto de estudo até os alunos por meio de Diálogos Remotos.

Esses Diálogos Remotos foram construídos em um trabalho de equipe, que reuniu as docentes responsáveis por essas disciplinas e a coordenação do curso de pedagogia. Foi elaborada uma programação com diversas palestras/diálogos, que contemplaram todas as modalidades da disciplina de Estágio (em Educação Infantil; Ensino Fundamental; Gestão e Movimentos Sociais) e Pesquisa e Prática Pedagógica (na Docência; na Gestão, e em Movimentos Sociais), reunindo diversos atores de espaços escolares e não escolares para conversas com os discentes. Esses diálogos ocorreram de forma muito dinâmica, pois não aconteceram em falas unilaterais, mas em um modelo de conversas, sempre com a mediação das professoras e graduandos para contribuir com reflexões,

questionamentos e problematizações, que contribuíram de forma muito positiva para construção das aprendizagens.

Sendo assim, o estágio supervisionado em gestão se tornou uma atividade realizada por meio remoto. Com as mudanças no universo da educação à atuação da gestão nas escolas também sofreu modificações. A comunicação da equipe gestora com os demais membros da comunidade escolar, agora realiza-se remotamente, ou seja, reunião de professores, atividade escolares, projetos curriculares e outras demandas da escola estão sendo gestadas/discutidas a distância. Desse modo, enquanto antes as escolas abriam seus espaços físicos para receber o estagiário/a, agora tem que introduzi-los a nova realidade, recebê-los nos espaços digitais, permitindo a estes perceber as demandas que uma gestão possui numa dinâmica de distanciamento social e de ensino remoto.

A internet envolveu o ser humano de tal forma que hoje é impensável viver sem ela. Toda uma cultura formou-se em torno e através de suas redes e seus cabos. Cada vez mais, o uso de suas ferramentas torna-se fundamental, tanto no ambiente de trabalho, quanto no estudo ou mesmo no lazer. E com a utilização em massa dessas ferramentas, principalmente por conta da pandemia, desdobram-se conceitos, como a interatividade o ciberespaço, que permitem entender melhor como o aluno e o professor estão aprendendo a lidar com a internet e quais as mudanças que ela vem causando neste período de isolamento social. (FRANÇA, 2020).

Toda comunidade escolar precisou fazer ajuste e lidar com essa nova realidade exposta. Dessa maneira, o trabalho da gestão, além de suas já demasiadas atribuições, precisa estar atento e sensível a novas demandas imposta pelo contexto pandêmico. Agora é no seu lar, que grande parte dos afazeres da profissão acontecem, desde o suporte pedagógico aos professores, aos trabalhos burocráticos.

PERCURSO METODOLÓGICO

O percurso metodológico sofreu as influências do novo contexto de distanciamento social, porém não perdeu o rigor com o trato dos conteúdos observáveis. Adotamos como método de pesquisa a coleta de dados por meio de observação e diários de campo. “A utilização de diários de campo como ferramenta de pesquisa possibilita visibilizar aspectos

da implicação do(a) pesquisador(a) com o campo estudado.” (Kroeff, Gavillon, Ramm, 2020).

Ao observar as falas de gestores, professores e pesquisadores, nos diversos campos que se relacionam com o universo da educação, foi se produzindo os diários de campo, que possibilitou analisar a partir dessas falas elementos substanciais das atribuições do gestor. Os diálogos realizados nessas palestras possibilitaram instigar questões que afastavam temas mais gerais e evocavam mais as questões que buscava-se investigar. “O diálogo proposto, tendo como eixo norteador a prática de pesquisa, serve como fomento para uma discussão interdisciplinar.” (SANTOS, 1999), estabelecendo relações do campo teórico com o prático.

Desta forma, o diário de campo também se constitui como ferramenta de intervenção ao provocar reflexões sobre a própria prática de pesquisa e das decisões em relação ao planejamento, desenvolvimento, método de análise e divulgação científica.

Oliveira (2014) destaca a importância do diário como registro, mesmo quando se trata de entrevistas gravadas, pois o diário registraria sutilezas que apenas a transcrição da entrevista não daria conta, como a percepção de expressões de emoção. (Kroeff, Gavillon, Ramm, 2020).

Esses registros nos deram suporte para análise, pois além do registro das falas, conseguimos tomar nota das percepções e emoções expressas no momento dessa fala. Emoções essas, muito afloradas no contexto que vivemos.

DISCUTINDO OS DADOS EMPÍRICOS

O olhar do estágio no trabalho da gestão em um contexto pandêmico e de aulas remotas precisou ser modificado. Antes poderíamos adentrar ao convívio da gestão no ambiente escolar, perceber na prática como se desenrolavam as inúmeras atividades desenvolvidas por toda equipe gestora, e suas implicações sobre os demais personagens da comunidade escolar. No contexto dessa devastadora pandemia, perdemos a percepção do real no lócus das vivências, fomos privados do acompanhamento da rotina e dinâmica da instituição escolar. A escola é um ambiente mutável, onde transformações acontecem a todo o momento, por isso o estágio se mostra um espaço-tempo tão rico para formação, pois nos

oportuniza adentrar a esse ambiente múltiplo e plural, e começarmos a tessitura da nossa postura profissional.

Com esses novos desafios no campo de estágio, o caminho para observações e vivências teve que ser readaptado. Soluções a esses desafios foram possíveis por meio dos encontros/diálogos remotos, possibilitando ao estagiário receber em seu lar os gestores, docentes, membros de movimentos sociais e responsáveis por projetos sociais, para diálogos abertos, com questionamentos e problematizações para ajudar o estudante no processo formativo.

Fazemos aqui uma ressalva, que não é o modelo ideal de vivenciar esse momento formativo, mas foi o possível viabilizado pelo curso de Pedagogia da UFPE/CAA para dar continuidade ao percurso formativo do curso, sem maiores prejuízos aos discentes. Portanto, foi preciso ressignificar as experiências no estágio no campo de gestão, por meio de um olhar crítico para as falas e experiências relatadas. E percebemos que embora não seja o ideal, podemos nos beneficiar desse momento, conforme expresso na fala de uma aluna durante um Diálogo Remoto

Esse formato nos deu a oportunidade de passear em vários setores. Porque na escola nós teríamos somente uma visão, no que queríamos observar. E assim, conseguimos estar em vários ambientes educativos [...] não digo que foi melhor do que antes, mas não foi tão ruim, consegui aproveitar. (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Mesmo com os desafios impostos a essa modalidade, os Diálogos Remotos conseguiram dar conta do proposto para o estágio, que os alunos vivenciassem as experiências e conheçam as atribuições da gestão. Durante os encontros os convidados abordavam diferentes temáticas ligadas a sua prática, em seguida, os discentes poderiam intervir e participar com suas contribuições e problematizações. Os questionamentos e inquietações dos estudantes eram direcionados ao cotidiano escolar, o “miudinho” da prática dos gestores, para que mesmo a distância pudesse dimensionar o fazer da equipe gestora na escola, conforme podemos observar nas questões abaixo transcritas feitas por alguns estagiários

A gestão está dando suporte aos professores durante esse período de aulas remotas? Como está sendo realizado esse apoio?

Quais as principais diferenças nas atribuições da gestão durante as aulas presenciais e esse período de aulas remotas?

Quais principais desafios você elencaria referente à gestão e as aulas remotas? (DIÁRIO DE CAMPO, 2021).

Assim, mesmo com as barreiras impostas pelo isolamento social e os desafios enfrentados em aulas remotas com a frieza de uma tela como recepção, podemos destacar como positiva a experiência de estágio vivenciada de maneira remota, pois conforme anteriormente citado, não era o ideal, mas o possível, e com esse possível foram construídas aprendizagens.

Faz-se necessário pontuar um aspecto negativo dessa experiência de estágio: O depoimento unilateral do gestor sobre suas atribuições. Compreendendo que é a fala do gestor dizendo o que faz, porém o estagiário não pode confirmar a concretude dessa fala, se realmente ocorre da forma descrita ou acontece uma supervalorização do trabalho realizado pela equipe gestora. Por esse motivo, ressaltamos que a identificação feita no presente artigo das atribuições dos gestores no contexto de afastamento social e aulas remotas, são ancoradas no pressuposto que o gestor foi fidedigno no momento da sua fala nos encontros/diálogos remotos ao vivido em seu trabalho, e confiando na idoneidade profissional dos mesmos, devido à inexistência de refutar ou confirmar as falas por meio da observação presencial.

Entendemos o trabalho da gestão como complexo, devido às inúmeras demandas que precisam ser cumpridas no cotidiano da instituição escolar, que vão desde a atenção e escuta da comunidade escolar, aos trabalhos burocráticos para manutenção e funcionamento da escola. Durante as conversas com os gestores, percebemos uma intensificação desses afazeres, pois a escola como um todo não estava preparada para essa nova realidade, assim precisando em um curto espaço de tempo se adequar, dar conta das atribuições já existentes e as que o afastamento social impôs. Observamos essa particularidade na fala de uma das gestoras quando ela apresenta o portfólio do ano de 2020 para que os estagiários pudessem dimensionar os afazeres da gestão

É pedido um portfólio com o trabalho do gestor, até mesmo faz parte da avaliação do gestor pra ver se ele continuará na gestão. Então, o que fazemos têm que estar nesse portfólio (apresentação do slide: Portfólio da gestão no período de ensino remoto), tudo que vai acontecendo durante o ano na escola nós vamos colocando. Colocamos tudo: quando começaram as aulas remotas; das formas que fomos trabalhando, através do canal do YouTube, os grupos de WhatsApp que foram formados, o

Google Meet com as aulas que conseguimos com os professores; as entregas dos kits alimentares, que depois foi para os cartões de alimentação; a validação do plano de ação que foi feito, pois nós fizemos um plano de ação com todos os professores para que a gente pudesse fazer um trabalho mais específico; as reuniões online para alinhamento. Também sobre os dados dos alunos, por exemplo: do primeiro ano colocamos a quantidade de alunos que conseguiram ter acesso às aulas, nessa turma tem 25 alunos, sendo que só 18 conseguiram ter acesso à aula, aí o que temos que fazer com os outros sete? Temos que entregar as apostilas, muitas vezes precisamos ir na casa dos estudantes fazer essa entrega, e ver qual é o problema que não estava conseguindo participar das aulas, e muitos não conseguiram por questão de acesso **[as tecnologias e internet]**, então vamos conversando com eles. De seis a sete alunos por turma não tiveram acesso a internet no ano passado (DIÁRIO DE CAMPO, 2021, grifo nosso).

Observamos com essa fala da gestora um processo burocrático na realização do portfólio, e por meio dele atividades realizadas em todos os âmbitos escolares, desde a organização e planejamento para viabilizar as aulas remotas e suporte aos professores até o contato pessoal com os alunos na entrega presencial do material didático, quando não conseguiam acesso as tecnologias próprias desse período remoto.

A experiência de estágio vivenciada proporcionou a análise das falas dos gestores, buscando compreender as nuances do campo empírico no contexto remoto, dessa atividade desenvolvida coletivamente pelos estagiários, professores e gestores participantes da pesquisa, surgiram à imbricação da gestão com temas transversais, como: orientação sexual, preconceito, pluralidade cultural, racismo, inclusão, dentre outros.

Percebe-se que a gestão de uma escola e de outros espaços educativos, não está apenas relacionada a questões estruturais, financeiras e pedagógicas, é dentro desse campo epistemológico que os sujeitos adquirem uma dimensão ampla da sua formação humana. Um espaço fortemente relacionado à política e sua intencionalidade, onde conflitos surgem constantemente e o gestor assume o papel de mediador habilitado a resolvê-los.

O contexto pandêmico trouxe uma nova perspectiva de função da escola: instituição de amparo social. Foi possível perceber a falta que a merenda teve nas famílias dos alunos, quando professores e gestores trouxeram em suas falas a percepção da vulnerabilidade econômica

que estes passavam, sendo na busca de sextas básicas ou de cartões alimentação.

Também, pode-se perceber o prejuízo da ausência do professor em aulas presenciais, quando nas correções e retirada de dúvidas das atividades de casa dos alunos, por muitos pais não conseguiram ajudar seus filhos nas tarefas, muitas delas nem chegavam a ser feitas e outras não atingiam o desenvolvimento esperado. Esse fenômeno revela a importância da profissionalização do professor, sendo este, o profissional habilitado a realizar o ensino que revelará a aprendizagem.

Outro fator evidenciado no estágio diz respeito a aulas remotas. Diante da necessidade de buscar estratégias que possibilitassem a continuidade da construção do conhecimento, como acima nos indicou França (2020) citando Freire, professores e gestores não receberam de antemão uma formação para utilização das plataformas digitais para realizar e/ou organizar suas aulas. Não receberam suporte das secretarias de educação para se equiparem para este fim, cada um, de seu espaço privado, com suas redes de wifi e utilizando-se de seus computadores e celulares tiveram que realizar o trabalho com subsídios próprios, ainda que despreparados, uns encontraram em outros mais hábeis o suporte que precisavam para fazer acontecer, algumas vezes os próprios alunos ajudavam seus professores a vencer as dificuldades com o uso de aparelhos e aplicativos, que antes possuía um caráter avesso a sua utilização nas escolas, uma espécie de tecnofobia como nos aponta Cunha,

A resistência, característica marcante da tecnofobia computacional que se alastrou em boa porção da geração analógica, negava esta nova prática digital que se disseminava de modo potente e irreversível, através de discursos minimizadores e de certo ofensivos aos que aderiam a era digital. (CUNHA, 2020).

Ainda que a contragosto de muitos educadores o celular, computadores e espaços digitais dominaram a educação, agora planejamentos, apostilas, cadernetas e diversas outras atividades são construídas e executadas por meio digital, muitos dos gestores e professores por mais otimistas que pareçam ser em relação à pandemia e a volta da antiga normalidade, deixaram claro em seus depoimentos que esses instrumentos chegaram para ficar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resgatando os pressupostos de que dois novos fatores surgiram, tanto na atividade do estágio quanto nas atribuições da gestão escolar, confirmamos o impacto do distanciamento social e das aulas remotas na dinâmica dos espaços educativos. Tanto nas unidades de ensino superior, quanto nas escolas dos anos iniciais de ensino. Tais fatores trouxeram consigo desafios e novos instrumentos que possibilitaram que a construção do conhecimento não se estagnasse.

O problema inicial de como vivenciar o estágio em um contexto de distanciamento social e aulas remotas, foi solucionado pela disponibilidade dos gestores e professores de trazerem seus relatos e responderem os questionamentos feitos pelos estagiários. Tal disposição teve como subsídio a mediação dos professores que ministram as disciplinas práticas de estágio, possibilitando um olhar intencionalizado e direcionado pelos referenciais teóricos que abordam o tema da gestão.

Sendo assim, o objetivo de ressignificar as vivências do estágio se fez possível em um contexto de afastamento social e aulas remotas, porém se faz necessário esclarecer que durante as observações a falta do olhar para a escola como um todo e dos diversos sujeitos que a compõem, minimizaram o campo de pesquisa à análise dos depoimentos dos gestores e alguns professores. Foi possível fazer inferências da nova realidade educacional, de um novo modo de vivenciar o estágio e de se perceber as novas atribuições que o contexto remoto e distanciamento social implicaram aos gestores.

Embora limitado ao virtual, ricas discussões e reflexões referentes às demandas que há nos espaços formativos foram vivenciadas. Reflexões essas, que contribuíram para formação profissional dos futuros pedagogos/gestores podendo, a depender de suas concepções de gestão, realizar seu trabalho de forma democrática, considerando as necessidades e particularidades dos sujeitos que compõem a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Conselho Pleno. Resolução CNE/CP Nº 1, de 15 de Maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf. Acesso em 27 de Abr. de 2021.

CUNHA, Fernanda P. #O futuro é fake? Kkkkk O tempo passa e a queda é sempre no mesmo buraco? Revista; GEARTE, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 133-154, jan./abr. 2020.

FRANÇA, A. Como os professores da escola pública estão lidando com as aulas remotas frente à pandemia. Seminário Nacional da Pesquisa em Educação. Chapeco. v. 3 n. 1, dez. 2020.

FREIRE, Paulo. Algumas notas sobre humanização e suas implicações pedagógicas. Ação cultural para a liberdade e outros escritos, 12a ed., São Paulo: Paz e Terra, 2007.

Kroeff, R.F.S. Gavillon, P.Q. Ramm, L.V. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. Estudos e Pesquisas em Psicologia. Rio de Janeiro. v. 20 n. 2 p. 464-480, mai./ago. de 2020.

LÜCK, Heloísa. Gestão educacional: uma questão paradigmática. Série: Cad. De gestão. Petrópolis, RJ. Vozes, 2006.

MELO, M.J.C.; ALMEIDA, L.A.A.; LEITE, C. Estágio supervisionado no curso de pedagogia: movimento discursivo entre projeto curricular e a prática docente de estudantes já professores com experiência. Revista e-Curriculum, São Paulo, v. 13, n.4, p. 815-837, out./dez. 2015.

Organização Mundial da Saúde. Conselhos sobre doença corona vírus (COVID-19) para o público. <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Acesso em 29 de abril de 2021.

SANTOS, M.C.G.; SALES, M.P.S. Gestão democrática da escola e gestão do ensino: a contribuição docente à construção da autonomia na escola. Revista Ensaio. Belo Horizonte, v.14, n.2, p.171-183, ago./nov. 2012.

SANTOS. M.A. Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa. Paidéia. vol.9 no.16 Ribeirão Preto. Jun. 1999.

WEBER, M. *Economia y sociedad*: esbozo de sociologia comprensiva. Trad. José Medina Echavarría, Juan Roura Parella, Eugenio Ímaz, Eduardo Garcia Máynez e José Ferrater Mora. México: FCE, 2004.